

Contemplatio

Ensaaios de Filosofia Medieval



Universidade Estadual da Paraíba

Prof. Antônio Guedes Rangel Júnior | *Reitor*

Prof. José Ethan de Lucena Barbosa | *Vice-Reitor*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa | *Diretor*

Conselho Editorial

Presidente

Cidoval Morais de Sousa

Conselho Científico

Alberto Soares Melo

Hermes Magalhães Tavares

José Esteban Castro

José Etham de Lucena Barbosa

José Tavares de Sousa

Marcionila Fernandes

Olival Freire Jr

Roberto Mauro Cortez Motta

Editores Assistentes

Arão de Azevedo Souza

Antonio Roberto Faustino da Costa



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Maria Simone Marinho Nogueira
(Organizadora)

Contemplatio
Ensaaios de Filosofia Medieval



CAMPINA GRANDE - PB
2013

As Raízes Clássicas da Transcendência Medieval¹

Ricardo da Costa – Espírito Santo/Brasil

Imagem 1 – O Filósofo em meditação de Rembrandt



O filósofo em meditação (1632, óleo sobre painel, 29 x 33 cm, Louvre, Paris) de Rembrandt (1606-1669).² Enquanto ele, velho, sereno, meditativo, ao pé da escada da Filosofia, considera as coisas sublimes, uma mulher – também velha – cuida do fogo: para ele, ela se ocupa com o material, ele, para ambos, com o imaterial. Ela trata de dar as condições necessárias para a mente do filósofo ocupar-se de si. Por sua vez, a luz da janela talvez seja uma metáfora para a luz do conhecimento filosófico; a luz da lareira, a das necessidades mundanas. Estas precisam da ação, aquela, da contemplação.

-
- 1 Agradeço sobremaneira as observações feitas por Weriquison Simer Curbani e Renata Aparecida Lucas, mestrandos de Filosofia da UFES (turma 2011), quando de minha apresentação desse trabalho em sala de aula.
 - 2 “Nenhum pintor mapeou fisionomias – e a ação do tempo impiedoso sobre elas – com tanta avidez e com tanto gosto pelo detalhe. Outros artistas, por uma questão de tato, hesitariam em ressaltar um pé de galinha ou um nariz abatadado. Já Rembrandt, avesso à cosmética, acreditava que tais traços expressavam a nobreza moral do modelo, em vez de comprometê-la.” – SCHAMA, Simon. “O tosco na sala dos ricos. Rembrandt”. In: O PODER da Arte. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 150.

...se eu não acreditasse, primeiro, que vou para junto de outros deuses, sábios e bons, e, depois, para o lugar de homens falecidos muito melhores do que os daqui, cometeria um grande erro por me insurgir contra a morte (...) tenho esperança de que alguma coisa há para os mortos e, de acordo com antiga tradição, muito melhor para os bons do que para os maus.³

Atualmente há em curso, no estudo da História da Filosofia, uma corrente anônima predominante que, gradativa, porém sistematicamente, oculta um dos pilares fundamentais do pensamento filosófico grego: sua Metafísica. Somado a isso, esse amplo movimento – basicamente de cunho materialista/niilista – realiza o lento apagamento da filosofia medieval cristã, juntamente com a ampliação do espaço da filosofia islâmica.⁴ Isso pode ser facilmente percebido caso confrontemos o conteúdo de três notáveis compêndios de Filosofia redigidos no espaço de três gerações: os *Dicionários de Filosofia* de Nicola Abbagnano (1901-1990)⁵ e de José Ferrater Mora (1912-1991)⁶, de 1961 e 1965, respectivamente, e a *Enciclopédia Oxford de Filosofia*, editada por Ted Honderich (1933-), de 1995.⁷

3 PLATÃO. Diálogos (Protágoras – Górgias - Fedão) (tradução do grego de Carlos Alberto Nunes). Belém: Editora da UFPA, 2002, *Fedão*, 63c, p. 257.

4 Somado a isso, a agressiva expansão político-religiosa do Islã – ou, pelo menos, de uma parte mais radical de sua expressão teológica. Por exemplo, o presidente da *União Mundial de Sábios Islâmicos*, Youssef al-Qardaoui (1926-), afirmou, em discurso a jovens muçulmanos em Toledo (em 1995): “Depois da libertação do Iraque, faltará conquistar Roma. Isso significa que o Islã vai retornar à Europa pela terceira vez. Vamos conquistar a Europa. Vamos conquistar a América”.

5 ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes: 1998.

6 FERRATER MORA, José. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Edições Loyola, 2000-2001, 04 volumes (de longe, a obra mais completa de todas).

7 HONDERICH, Ted (ed.). Enciclopedia OXFORD de Filosofia. Madrid: Editorial Tecnos, 2008. Além da diminuição do espaço dedicado aos filósofos medievais – praticamente a única exceção é Tomás de Aquino (p. 1091-1096) – há, pela primeira vez, espaço para temas completamente estranhos à Filosofia, como, por exemplo, um verbete dedicado ao *Tarô!* (p. 1081).

Não é meu intento analisar as motivações políticas – de resto, também facilmente perceptíveis – desse movimento acadêmico internacional, mas somente suas nefastas consequências para a plena compreensão da filosofia grega e, conseqüentemente, da filosofia medieval. Assim, pretendo, nesse breve ensaio, destacar o *caráter teológico da filosofia grega*, particularmente em Platão (c. 428-348 a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.) e Sêneca (4 a.C. - 65 d.C.), para assim concluir que, em seu *aspecto transcendental*, a filosofia medieval nada mais fez do que acentuar e aprofundar essa particularidade filosófica, porém essencial, do pensamento grego.

O Deus de Platão

Considera-se Platão um dos primeiros a se valer filosoficamente do termo *teologia*. No Livro II de *A República* (c. 380 a.C.), Sócrates conversa com Adimanto, e os dois consideram a fundação imaginária de uma cidade, não sem antes levar em conta a *diferença natural* entre as pessoas para a execução das tarefas necessárias.⁸ Quando ambos decidem que, em sua *república ideal*, os autores das fábulas, os poetas, devem ser vigiados para que só contem às crianças estórias que tratem do Bem e que sejam verdadeiras, Adimanto pergunta a Sócrates quais seriam então os moldes pedagógicos dessa teologia. Sócrates responde categoricamente: como *o teor da teologia é Deus e o que Ele é*, os fabulistas só devem ensinar a Sua correta representação, tanto na poesia épica, quanto na lírica ou trágica.⁹ Nenhuma mentira deve ser contada às crianças, como, por

8 PLATÃO. *A República*. (trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, 369c-370b, p. 72-73.

9 Corre à boca pequena a “acusação” de que muitos tradutores, tanto de Platão quanto de Aristóteles, “cristianizam” o Deus desses filósofos ao colocarem-no com letra maiúscula (no original grego, θεός), como, por exemplo, ocorre na tradução da *Metafísica* de Aristóteles feita por Giovanni Reale (1931-). No entanto, não se perguntam por que se costuma escrever o Bem platônico com “B”, ou o “Ser”, ou a “Ideia”, ou ainda, se ao se escrever “deus” com “d” minúsculo ou “D” maiúsculo haverá alguma alteração na compreensão de que *Platão está se referindo a uma*

exemplo, a que Hesíodo (c. 750-650 a.C.) contou em sua *Teogonia* a respeito de Uranos e Cronos.¹⁰ Por ser *essencialmente bom, Deus não pode ser a causa do mal*, nem fazer o mal. Por esse motivo, os legisladores da cidade, seus fundadores, só devem permitir que sejam ensinadas estórias em que os maus são castigados e o bem triunfa, porque Deus é a causa dos bens, nunca da desgraça de ninguém.¹¹

E mais: quem ensinasse ou dissesse na República que Deus foi a causa da desgraça de alguém, deveria ser combatido!¹² Essa deveria ser a *primeira lei da República*: Deus é a causa só dos bens, nunca dos males.¹³ Deus é em tudo o melhor, um Ser simples, ao contrário do que Homero contou na *Odisséia* (c. séc. VIII a.C.), isto é, que os deuses são como forasteiros percorrendo as cidades.¹⁴ Sócrates então concluiu: “Deus é absolutamente simples e verdadeiro em palavras e atos, nem se altera nem ilude os outros por meio de aparições, falas ou envio de sinais, quando se está acordado ou em sonhos”.¹⁵

Em resumo: Platão defende na *República* que, no cume da legislação de sua cidade, deve-se ter Deus na mais elevada estima; os que falam mal d’Ele devem ser processados, e a censura na Educação deve

divindade. Como se verá adiante, Platão descreve o seu “Deus” acima de todos os demais deuses, a residir em um *lugar supraceleste*, e que Ele é a Verdade (com “V” porque a *verdade das verdades – ou a única verdade*). Assim, tanto os conceitos platônicos de *Bem* e *Justiça* quanto de *Deus*, serão grafados aqui com letras maiúsculas. De resto, essas questões menores são o que o filósofo estoico Sêneca (4 a.C.-65 d.C.) denominou “...discussões capciosas que aguçam inutilmente o engenho”. Ver: LÚCIO ANEU SÊNECA. Cartas a Lucílio (trad., prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, *Carta 45*, p. 151 (para a “inutilidade de certas investigações lógicas”, ver também: as cartas 48, 49 e 83).

10 HESÍODO, *Teogonia*, 453-506. Uranos foi mutilado e destronado por Cronos, que engoliu os filhos de Uranos. Este profetizou que um dos filhos de Cronos também o destronaria. Por isso, Cronos devorava os filhos. Um deles, Zeus, protegido por sua mãe Réia, cresceu, dominou o pai e fê-lo vomitar seus irmãos.

11 O conteúdo de todo esse parágrafo encontra-se em: PLATÃO. 1996, *op. cit.*, 377c-380c, p. 87-94.

12 PLATÃO. 1996, *op. cit.*, 380b, p. 93.

13 PLATÃO. 1996, *op. cit.*, 380c, p. 94.

14 HOMERO, *Odisséia*, XVII, 485-486.

15 PLATÃO. 1996, *op. cit.*, 382e, p. 98.

ser perfeitamente desejada, caso queiramos cidadãos de bem, pois, em qualquer empreendimento, o começo sempre é mais difícil, sobretudo para quem é novo e tenro e, por isso, os jovens devem ser protegidos das mentiras contadas pelos poetas em relação à divindade.¹⁶

Embora essa *cidade divina-perfeita platônica* não exista no mundo, isso não tem a menor importância para os verdadeiros filósofos – “...aqueles que resistem aos apetites do corpo e não temem a pobreza, a ruína de sua casa nem a falta de honrarias e a vida inglória”¹⁷ – pois

...talvez haja um modelo no céu, para quem quiser contemplá-la e, contemplando-a, fundas uma para si mesmo. De resto, nada importa que a cidade exista em qualquer lugar, ou venha a existir, porquanto é pelas suas normas, e pelas de mais nenhuma outra, que ele pautará o seu comportamento.¹⁸

Mas o que é Deus para Platão? O filósofo Étienne Gilson (1884-1978) sintetizou muito bem a resolução desse problema: para Platão, um deus é qualquer ser *inteligível, imutável, necessário e eterno*, ou seja, um indivíduo vivo dotado de todos os atributos fundamentais de uma *Ideia* (a forma eterna e imutável de uma realidade).¹⁹ Por exemplo, uma alma é um deus!

16 PLATÃO. 1996, *op. cit.*, 377b, p. 87.

17 PLATÃO, 2002, **Fedão**, 82c, p. 287.

18 PLATÃO, 1996, *op. cit.*, 592b, p. 450. Desnecessário dizer a relação direta que há entre essa passagem e a *Cidade de Deus* (c. 413-426) de Santo Agostinho (354-430) (tampouco com a *República* de Cícero [106-43 a.C.]!)

19 GILSON, Étienne. **Deus e a Filosofia**. Lisboa: Edições 70, 2003, p. 34. Por sua vez, em Platão a *Ideia é o espetáculo ideal de uma coisa – a visão da forma da coisa* sob o aspecto da *Ideia*: “Se for assim, teremos que admitir que há, primeiro, a ideia imutável, que não nasce nem perecerá, nada recebe em si mesma do exterior nem entra em nada, não é visível nem perceptível de qualquer jeito, e só pode ser apreendida pelo pensamento.” – PLATÃO. **Diálogos** (*Timeu – Crítias – O Segundo Alcibíades – Hípias Menor*) (tradução do grego de Carlos Alberto Nunes). Belém: Editora da UFPA, 2001, *Timeu*, VIII, 52a, p. 92.

Aliás, há uma concisa e bela descrição da *divindade da alma* no *Fedão*: “Considera agora, Cebes, continuou, se de tudo o que dissemos não se conclui que ao que for divino, imortal, inteligível, de uma só forma, indissolúvel, sempre no mesmo estado e semelhante a si próprio é com o que a alma mais se parece”.²⁰ Sócrates se considera um *servidor da divindade* – como os cisnes.²¹ Por isso, crê que sua alma, sua *porção invisível*, vai para um lugar semelhante a ela, o verdadeiro Hades, o *Invisível*, para junto de um deus sábio e bom.²²

Deus é um Ser, uma essência imutável. Só isso *é o que é*, o que existe. O resto, aquelas combinações acidentais de características provisórias que dizem respeito aos homens, não podem ser *realmente* conhecidas – e só se pode conhecer aquilo que é.²³ Assim, por exemplo, para Platão, o universo é um deus (e uma *divindade feliz*)²⁴, as constelações são deuses²⁵, o Sol é um deus (embora filho do Bem que, por sua vez, não é um deus!²⁶) e as almas humanas são deuses – aliás, um *filósofo* é uma alma que se recorda de sua divindade e se

20 PLATÃO, 2002, (*Protágoras – Górgias – Fedão*), *op. cit.*, *Fedão*, 80b, p. 284-285.

21 “...quando estes [os cisnes] percebem que estão perto de morrer, por terem cantado a vida toda, mais vezes e melhor põem-se a cantar, contentes de partirem para junto do deus de que são os servidores.” – PLATÃO, 2002, (*Protágoras – Górgias – Fedão*), *op. cit.*, *Fedão*, 85a, p. 291. A Idade Média manteve a tradição antiga de associar aos animais certas capacidades premonitórias. Em seus *bestiários*, o cisne é apresentado com as mesmas características do *cisne platônico*. Por exemplo: “Existe uma ave chamada cisne. O *Fisiólogo* diz que há um país onde cantam tão bem e tão belamente que sua voz é uma autêntica melodia para o ouvido (...) Este cisne que canta tão bem diante de sua morte significa a alma que se alegra na tribulação.” (*PB: Cahier III*, 233-234); “Quando o cisne está mais perto de seu fim se esforça em cantar e morre cantando, **e o mesmo acontece com os bons homens que há no mundo.**” (*Bestiarius I*, 26-27) (o grifo é meu) – MALAXECHEVERRÍA, Ignacio. *Bestiario Medieval*. Madrid: Ediciones Siruela, 1999, p. 120-123.

22 PLATÃO, 2002, (*Protágoras – Górgias – Fedão*), *op. cit.*, *Fedão*, 80e, p. 285.

23 GILSON, 2003, *op. cit.*, p. 32.

24 PLATÃO. 2001, (*Timeu – Critias – O Segundo Alcibiades – Hípias Menor*), *op. cit.*, *Timeu*, VIII, 34b, p. 70.

25 PLATÃO, 1996, *op. cit.*, 508a, p. 309.

26 O filósofo e dominicano francês André-Jean Festugière (1898-1982) afirmou que, para Platão, a *Ideia de Bem* é “...a mais divina entre tudo o que é divino” (*L'idéal religieux des Grecs et l'Évangile*, 1932, p. 44). Contudo, Étienne Gilson contestou essa afirmação, confrontando todas as passagens de Platão que Festugière citou

comporta de modo conveniente a um deus: com Justiça, Verdade, Temperança, Bem, ou seja, com a Virtude.²⁷

Por esse motivo, as almas que, nesse mundo, praticaram a justiça, avançam para o caminho da direita, para cima, para o céu, e as que foram injustas, tomam o caminho da esquerda, para baixo, para pagarem dez vezes por cada crime cometido.²⁸ No *Fedro*, Platão faz uma belíssima descrição de Deus, o deus dos deuses – a Verdade, a Justiça, a Sabedoria, a Ciência – o *Ser realmente existente*, presente acima do Céu, no cume do Universo:

Esse lugar supraceleste nenhum poeta daqui de baixo o cantou ainda nem jamais o fará dignamente. Mas **já que se deve ter a coragem de dizer a verdade em quaisquer circunstâncias e especialmente quando se fala da Verdade** – eis como ele é: o Ser realmente existente, que não tem forma, nem cor, nem se pode tocar, visível apenas ao piloto da alma, a inteligência, aquele que é objeto do verdadeiro saber, é esse que habita tal lugar.

E **então a mente do Ser divino**, porque alimentada pela inteligência e pelo saber sem mistura – bem como a de toda a alma que cuide de receber o que lhe é conveniente –, vendo o ser em si, com o tempo, ama-o e, ao contemplar a verdade, nutre-se e regozija-se, até que em seu giro a revolução a

para defender essa tese (*A República*, 507b, 508a-509c, 517b-c; *Fédon*, 75d-e; *Parmênides*, 130b; *Filebo*, 15a). Ver GILSON, 2003, *op. cit.*, p. 33.

27 Além de *servidor da divindade*, o filósofo é aquele que *ama aprender e é amigo do saber* (*A República*, 376b); prova todas as ciências e se atira ao estudo com prazer e sem se saciar (475d); *é capaz de subir até o belo em si e contemplar a sua essência* (476b).

28 PLATÃO. 1996, *op. cit.*, 614c-615b, p. 488-489. É muito interessante observar que, nessa passagem de *A República*, já se prefigura a *geografia imaginária direita/esquerda/acima/abaixo* típica do Ocidente medieval cristão. Para o tema, ver: ZUMTHOR, Paul. **La medida del mundo. Representación del espacio en la Edad Media**. Madrid: Cátedra, 1994.

conduza ao mesmo ponto. No circuito, **contempla a própria justiça, contempla a sabedoria, contempla a ciência** – não a que está sujeita à gênese, nem a que difere conforme se aplica a um ou outro dos objetos que nós agora chamamos seres, **mas à ciência que se aplica ao Ser que verdadeiramente existe**. E, depois de haver de igual modo contemplado os outros seres que são verdadeiras realidades e de se haver saciado, desce novamente ao interior do céu e regressa a casa. Chegada aí, o auriga instala os cavalos na manjedoura, lança-lhes diante ambrósia e em seguida dá-lhes néctar a beber. Esta é a vida dos deuses. (os grifos são meus)²⁹

Em suma, no mundo de divindades de Platão, *parece* haver um Ser supremo, acima de Zeus, acima da alma, acima de todos os deuses, acima do universo. Ele é *o Ser* – veremos mais adiante que a *contemplanção de Si* do Deus de Platão é também uma das principais características do Deus de Aristóteles.

Ademais, na cosmogonia platônica ainda há a figura do *Demiurgo* – divindade artífice sem qualquer inveja, só Amor e Bem, que plasmou o mundo emprestando-o a mais completa semelhança

29 PLATÃO. **Fedro** (introd., trad. e notas de José Ribeiro Ferreira). Lisboa: Edições 70, 2009, 247c-e, 248a, p. 62-63. A tradução brasileira é ligeiramente distinta, mas sem alterar substancialmente a ideia de Platão de que *existe um deus contemplativo acima do céu*. Nosso tradutor, Carlos Alberto Nunes (1897-1990), optou por traduzir *ousia* (ΟυσΙΑ) por *essência*, enquanto José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra) traduziu *ousia* por *ser*: “A região supraceleste nunca foi cantada por nenhum poeta cá de baixo, nem nunca poderá ser bastante enaltecida. O que há é o seguinte, pois é preciso coragem para dizer a verdade. A **essência** que realmente existe é **sem corpo** e **sem forma**, impalpável e só pode ser o objeto do verdadeiro conhecimento, tem aqui a sua sede. Ora, o pensamento de **Deus**, nutrido exclusivamente de inteligência e de conhecimento puro, tal como se dá, aliás, com toda alma que se preocupa com receber o conhecimento que lhe convém, alegre-se quando chega o tempo de voltar a perceber a realidade e se nutre com delícias da contemplação da verdade, até que o movimento circular a traga de novo para o ponto de partida”. Agradeço à gentileza do mestrando de Filosofia da UFES, Weriquison Simer Curbani, pelo comentário sobre essa passagem do *Fedro*.

com o ser inteligível.³⁰ Contudo, não desejo aqui debruçar-me sobre o emaranhado de teses divergentes a respeito dessa doutrina platônica.³¹ Para o tema que aqui proponho desenvolver, basta concluir que a filosofia de Platão, definitivamente, é uma *filosofia teológica*, e que suas imagens de Deus alicerçaram a *interpretação teológica do mundo* da *Metafísica* de Aristóteles e, conseqüentemente, da filosofia medieval.

O Deus de Aristóteles

Imagem 2 – Aristóteles a contemplar um busto de Homero



Aristóteles a contemplar um busto de Homero (1653, óleo sobre tela, 143,5 x 136,5 cm, Metropolitan Museum of Art, Nova York) de Rembrandt.³² Aristóteles porta um medalhão com a imagem de Alexandre Magno (356-323 a.C.), enquanto considera sua própria filosofia, tocando a sede da poesia de Homero, sua imaginação inspiradora. A imagem parece ser muito propícia à passagem da *Metafísica* de Aristóteles em que o filósofo, de acordo com seus comentaristas, chega a ser poético ao tratar de Deus, como veremos a seguir.

30 PLATÃO, 2001, (*Timeu – Critias – O Segundo Alcibiades – Hípias Menor*), *op. cit.*, *Timeu*, 30d, p. 67.

31 Remeto o leitor ao excelente resumo do filósofo José Ferrater Mora (1912-1991) das **doze** diferentes posições a respeito do *Demiurgo* de Platão. FERRATER MORA, José. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 2000, vol. I (A-D), p. 659-660.

32 SCHAMA, Simon. “O tosco na sala dos ricos. Rembrandt”, 2010, *op. cit.*, p. 175.

O *Estagirita* extraiu de Platão que a noção de Deus é obtida de duas fontes: de nossa alma e do movimento das estrelas.³³ Contudo, antes de tratar de um desses temas (o do movimento), faz-se necessário explicitar o caráter teológico da *Metafísica* aristotélica.³⁴

Logo no início da obra, Aristóteles define a *Metafísica* como a *ciência do divino* – dentre todas as ciências, “...a mais divina e a mais digna de honra”³⁵ –; e concorda com Platão ao afirmar que os poetas dizem muitas mentiras, quando afirma que

Uma ciência só pode ser divina nos dois sentidos seguintes: a) ou porque ela é ciência que Deus possui em grau supremo, b) ou porque ela tem por objeto as coisas divinas. Ora, só a sapiência possui essas duas características. De fato, **é convicção comum a todos que Deus seja uma causa e um princípio, e, também, que Deus, exclusivamente ou em sumo grau, tenha esse tipo de ciência. Todas as outras ciências serão mais necessárias do que esta, mas nenhuma outra lhe será superior.** (os grifos são meus)³⁶

Como a *sapiência* é conhecimento de causas e as coisas mais difíceis (ou não facilmente compreensíveis) de conhecer são as universais, por serem as mais distantes das apreensões sensíveis, a

33 A melhor interpretação de Aristóteles é aquela que leva em consideração o fato que o *Estagirita* absorveu e adotou para si a concepção platônica da filosofia como um *movimento da alma*. Portanto, o aristotelismo é, antes de tudo, um desdobramento, uma continuação do filosofar platônico-socrático – mesmo com seus elementos distintos, como bem afirmou o filósofo e historiador alemão Eric Voegelin (1901-1985) em sua obra *Platão e Aristóteles* (São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 328).

34 Trabalharemos com a edição ARISTÓTELES. **Metafísica** (ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale). São Paulo: Edições Loyola, 2005. 03 volumes.

35 ARISTÓTELES, 2005, *op. cit.*, vol. II, Livro A (Primeiro), 983a, p. 13.

36 ARISTÓTELES, *ibid.*

Metafísica é a *sapiência*, a única ciência completamente livre, a mais elevada, pois só ela é fim para si mesma.

Como o objetivo desse trabalho é destacar a vertente teológico-co-razional da filosofia grega, tratarei apenas de alguns aspectos do Livro L (décimo-segundo) da *Metafísica*, particularmente os que dizem respeito a Deus, Sua existência e natureza.

Aristóteles demonstra a necessidade da existência do *supras-sensível eterno e imóvel* a partir da incorruptibilidade do tempo e do movimento. Se todas as substâncias existentes fossem corruptíveis, tudo o que existe seria corruptível e, portanto, não existiria nada incorruptível.³⁷ No entanto, o tempo e o movimento são incorruptíveis, por que

...é impossível que o movimento se gere e se corrompa, porque ele sempre foi, e também não é possível que se gere e se corrompa o tempo, porque não poderia haver o antes e o depois se não existisse o tempo. Portanto, o movimento é contínuo, assim como o tempo: de fato, o tempo ou é a mesma coisa que o movimento ou uma característica dele.³⁸

O movimento sempre foi porque não é possível encontrar um começo absoluto dele, somente a existência de um movimento anterior a qualquer um que suponhamos ser o primeiro. Portanto, é um absurdo pensar que houve uma geração do movimento, pois o próprio gerar um movimento exigiria pensar um movimento antes do

37 Para Aristóteles (na *Metafísica*), a *substância primeira* é o *eidos* – a *forma* ou *espécie* – isto é, tanto os elementos que constituem as coisas (aquilo de que as coisas são feitas) quanto sua *essência* (o *quid* último que caracteriza a coisa). Para uma análise completa do problema da *substância* em Aristóteles (tanto na *Metafísica* quanto nas *Categorias*) ver especialmente REALE, Giovanni. “A componente usiológica: a polivocidade da concepção aristotélica da substância”. In: ARISTÓTELES, 2005, *op. cit.*, vol. I, cap. quinto, p. 87-109.

38 ARISTÓTELES, 2005, *op. cit.*, 1071b 5, p. 557.

movimento! Do mesmo modo, não é possível pensar que o tempo foi gerado, pois sua geração significaria pensar um começo do tempo, e isso também exige pensar um *antes do tempo*. Mas como pode haver um *antes do tempo* se não existir o *tempo*? Aristóteles, portanto, mostra que o tempo é eterno: não teve início, nem terá fim.

O tempo e o movimento são eternos – aliás, só percebemos o tempo porque constatamos o movimento: *o tempo é o sentir do movimento*. E como o tempo e o movimento são eternos, deve haver uma substância eterna, isto é, sem matéria, (“se é que existe algo de eterno”³⁹) que Aristóteles chama de *Princípio motor e eficiente*, que produz um efeito real, o movimento, e cuja substância é o próprio ato.

O Estagirita reconhece uma dificuldade nesse raciocínio conclusivo: parece que tudo o que é ativo pressupõe uma potência, e nem tudo que é potência passa ao ato. Portanto, parece que a potência é anterior ao ato. No entanto, se isso fosse assim, nada existiria, pois é possível que a potência não se torne ato.

Essa constatação da prioridade da potência nas coisas é verdadeira para o particular, *mas falsa quando generalizada*. Alguma coisa é em potência para passar ao ato, mas para isso, pressupõe uma causa em ato como condição necessária. Giovanni Reale (1931) oferece um claro exemplo: cada um de nós passou da potência ao ato porque já havia o nosso pai em ato.⁴⁰ Portanto, em última análise, o ato é primeiro.

Ademais, como a realidade é sempre a mesma, é necessário que algo permaneça constante e atue sempre do mesmo modo⁴¹, isto é, *seja sempre em ato*. E qual deve ser a natureza desse ato puro,

39 ARISTÓTELES, 2005, *op. cit.*, vol. II, Livro L (Décimo segundo), 1071b, 20, p. 559.

40 REALE, Giovanni. “Sumário e Comentários ao Livro L (Décimo segundo)”. In: ARISTÓTELES. **Metafísica** (ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale). São Paulo: Edições Loyola, 2005. 03 volumes. Vol. III, p. 610.

41 ARISTÓTELES, 2005, *op. cit.*, vol. II, Livro L (Décimo segundo), 1072a, 9-10, p. 561.

desse *theós* (θεός)? Nessa passagem da *Metafísica*, Aristóteles é poético (daí a minha alusão ao quadro de Rembrandt!): para tratar do *Primeiro motor imóvel*, o filósofo parece se comover. Deus existe como o Bem⁴² e, por isso, é o Princípio do qual dependem o céu e a natureza.⁴³

Como *objeto do desejo e da inteligência*, *Ele move como o que é amado*, isto é, sem ser movido. Seu modo de vida é sumamente agradável, o mais excelente, pois *é pensamento que é pensamento por si*, inteligência que pensa a si mesma captando-se como inteligível: é a pura atividade contemplativa, o que de mais prazeroso e excelente existe, modo de viver que só nos é concedido por um breve tempo.⁴⁴

Se, portanto, nessa feliz condição em que às vezes nos encontramos, Deus se encontra perenemente, isso nos enche de maravilha; e se Ele se encontra efetivamente numa condição superior, é ainda mais maravilhoso. E Ele se encontra efetivamente nessa condição. **E Ele também é vida**, porque a atividade da inteligência é vida, e Ele é, justamente, essa atividade. E sua atividade,

42 Naturalmente, porque o *Bem é a finalidade de todas as coisas*: “...está claro que essa *uma* finalidade última tem que ser o bem e o bem mais excelente (...) O homem que não experimenta prazer na prática de ações nobres não é, em absoluto, um bom homem (...) “o homem verdadeiramente bom e sábio enfrentará tudo o que a sorte lhe reservar numa postura decente, e agirá sempre da maneira mais nobre que as circunstâncias permitirem.” – ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco** (trad. e notas Edson Bini) Bauru, SP: EDIPRO, 2007. Livro I, 1, 1094a1 e 2; 1099a1, 7, 15, e 1101a1.

43 Passagem depois retomada por Dante em seu *Paraíso*: “E aquela Dama, que a minha procura / via, disse então: ‘Daquela Ponto é que / os Céus dependem e toda a Natura. / Mira o círculo que mais junto lhe é; / saibas que é tanto o moto que lhe é posto / quanto afogueado o amor que ele lhe dê’” (*La donna mia, che mi vedea in cura / forte sospeso, disse: ‘Da quel punto / depende il cielo e tutta la natura. / Mira quel cerchio che piú li è congiunto; / e sappi che’l suo muovere è sí tosto / per l’affocato amore ond’ elli è punto’*). DANTE ALIGUIERI. **A Divina Comédia. Paraíso** (trad. e notas de Italo Eugenio Mauro). São Paulo: Ed. 34, 1998. Canto XXVIII, 40-45, p. 196-197.

44 ARISTÓTELES, 2005, *op. cit.*, vol. II, Livro L (Décimo segundo), 1072a, 25, 1072b 15, p. 563-565.

subsistente por si, é vida ótima e eterna. Dizemos, com efeito, que **Deus é vivente, eterno e ótimo**; de modo que **a Deus pertence uma vida perenemente contínua e eterna**: isto, portanto, é Deus. (os grifos são meus)⁴⁵

Esse *theós* aristotélico, totalmente desprovido de matéria, que é *vida*, é também eterno gozo de um único e mesmo prazer derivado de sua natureza simples, constante, e de seu *ato pensante perpétuo e contemplativo*, puro ato (*enérgeia*). Ele move todas as coisas a partir do movimento de seu pensamento, que é eterno, circular e contínuo.⁴⁶ Com sua *metafísica teológica*, Aristóteles dissociou definitivamente a filosofia da religião: não há em seu pensamento racional qualquer alusão aos deuses do Olimpo. Seu Deus, ato de pensar eterno, só pensa em si, não pensa o mundo, mas move-o.⁴⁷ Por isso, o papel dos homens, dos filósofos, é guiar o mundo, já que esse Deus racional está no céu e não se importa conosco!

45 ARISTÓTELES, 2005, *op. cit.*, vol. II, Livro L (Décimo segundo), 10721072b, 24-31, p. 565.

46 “Ao combater as teorias do caos criacional e as cosmologias tradicionais, ao espantar os mitos e ao trazer à teologia o seu espaço racional, Aristóteles redimensionou o saber meta-físico. Se não existisse algo para além do empírico, não existiria princípio, ordem, geração celestial. Ao estabelecer a unidade do princípio gerador de todas as coisas, Aristóteles estabeleceu a prevalência do governo de um sobre o governo de muitos, no plano cósmico. Daí a referência à *Iliada* de Homero em 1076a 3/4”. BITTAR, Eduardo C. B. **Curso de Filosofia Aristotélica**: leitura e interpretação do pensamento aristotélico. Barueri/SP: Manole, 2003. p. 976.

47 É por isso que Étienne Gilson se questiona: “Talvez devêssemos amar o deus de Aristóteles, mas para quê, se esse deus não nos ama?” – GILSON, 2003, *op. cit.*, p. 37.

O Deus de Sêneca

Imagem 3 – Escritores e filósofos devotos



Escritores e filósofos devotos. Londres (c. 1325-1335), MS Hunter 231 (U.3.4). Da esquerda para a direita (como escrito abaixo de cada personagem): Platão, Sêneca e Aristóteles (f. 276). A Idade Média alçou Sêneca à categoria de grande filósofo, especialmente pela espiritualidade de sua filosofia estoica, como veremos. Por esse motivo, escolhi essa tríade filosófica para demonstrar o *caráter teológico da filosofia antiga*, tal qual a Idade Média a entendeu.

O *Estoicismo* foi uma das correntes mais influentes e importantes da filosofia tradicional – e, para o nosso caso, é sempre bom lembrar que foi a escola mais admirada pelos romanos, e, portanto, um dos principais veículos de transmissão da filosofia clássica para o pensamento da Idade Média.⁴⁸ Como sua influência perdurou

⁴⁸ Para que o leitor tenha uma ideia da “popularidade” de Sêneca na Idade Média, basta lembrar que, em uma das obras literárias mais famosas do período, o *Romance da Rosa* (séc. XIII), em sua segunda parte, escrita por Jean de Meun (c.

por mais de quatrocentos anos (do século III a.C. até meados do séc. II d.C.), os especialistas costumam dividi-lo em três períodos.⁴⁹ Sêneca (4 a.C. - 65 d.C.) pertence ao período conhecido como “Nova Estoá” (ou “Estoá romana”), fase em que o *Estoicismo* tornou-se essencialmente uma filosofia de *meditação moral* – isto é, com preponderância do platonismo⁵⁰ – inclusive com fortes tons religiosos, como, por exemplo, com a noção de *fraternidade universal*, a necessidade do *perdão* e o *amor ao próximo*.

No caso do tema de Deus, o *Estoicismo* passou a pregar um conceito de filosofia como “assimilação a Deus” – ideia basicamente de fundo platônico, pois, como vimos, para Platão, ser filósofo nada mais era do que recordar-se de ter uma divindade dentro de si, isto é, a alma.⁵¹ De qualquer modo, qualquer que seja a fase do *Estoicismo* que nos detenhamos, a escola sempre defendeu que o universo é governado por um *Logos* (λόγος, Verbo, Razão, Princípio cósmico) e que, graças

1240-1305), a morte de Sêneca, “bom mestre”, é descrita. Ver: GUILLAUME DE LORRIS Y JEAN DE MEUN. **El Libro de la Rosa** (introd. de Carlos Alvar; trad. de Carlos Alvar y Julián Muela). Madrid: Ediciones Siruela, 2003. p. 136.

49 Os três períodos são: 1) A *Antiga Estoá* (do séc. IV a. C. ao séc. III a. C.), com a tríade Zenão/Cleanto de Assos/Crísipo de Sólis; 2) A *Média Estoá* (séc. II-I a. C.), com “infiltrações ecléticas na doutrina original”, e 3) A *Estoá romana* (*Nova Estoá*). Para as características gerais da filosofia estoica, ver: INWOOD, Brad (org.). **Os Estoicos**. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

50 Como se pode perceber nesse trecho da *Carta 71* de Sêneca: “Eleva-te, Lucílio, meu excelente amigo, abandona essas frioleiras literárias de certos filósofos que reduzem a grandeza da filosofia à análise de sílabas e rebaixam e humilham a alma com os seus ensinamentos de pormenor! (...) Sócrates, que reduziu toda a filosofia à ética, dizia que a suprema sabedoria consistia em distinguir o bem do mal. ‘Se a minha autoridade tem para ti algum valor – dizia ele – pratica a moral para poderes ser feliz, e não te importes que fulano ou sicrano te ache estúpido. Deixa que os outros te ofendam e te injuriem; desde que possuas a virtude em nada serás lesado por isso. Se queres ser feliz, se queres ser um homem de bem e digno de confiança, não te importes que os outros te desprezem!’ Ninguém conseguirá atingir este nível se previamente não tiver negado qualquer valor a tudo o mais, se não tiver colocado todos os bens em pé de igualdade – porque **não existe bem onde não há moral, e a moral é sempre a mesma em todas as circunstâncias.**” (o grifo é meu) – LÚCIO ANEU SÊNECA. **Cartas a Lucílio** (trad., prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007. Carta 71, p. 273.

51 Ver nota 26.

a isso, o mundo era um *Kosmos* (κόσμος, ordem, harmonia, beleza), e a vida sábia almejada pelo filósofo consistia em viver em uma serena imperturbabilidade conforme o *Logos*, isto é, de acordo com a Razão, com a Natureza (φύσις, que era associada a esse *Logos*).

No epistolário de Sêneca, conhecido como *Cartas a Lucílio*, há pelo menos nove missivas em que o tema de Deus surge com vigor.⁵² Na *Carta 31*, em uma belíssima passagem, Sêneca admoesta seu discípulo a *viver como um sábio* – esse “artista superior da filosofia” –, manter uma linha de rumo constante e coerente, e assim *se tornar igual a um deus*:

O que te fará igual a um deus não é o dinheiro, porque um deus nada possui. A toga pretexta também não, porque Deus é nu. Nem a fama, nem a ostentação da tua pessoa, ou a propaganda do teu nome espalhada entre os povos: Deus, ninguém o conhece, muitos pensam mal dele, e impunemente. Não será a multidão de escravos que transporta a tua liteira pelas ruas da cidade ou pelas estradas: **Deus, esse ente superior e potentíssimo, põe, ele próprio, todo o universo em movimento.** Não serão sequer a beleza ou a força que te tornarão feliz: com a velhice, ambas desaparecem. Devemos procurar algo que não se deteriore com o tempo, nem conheça o menor obstáculo.

Somente a alma está nestas condições, desde que virtuosa, boa, elevada. **Um deus morando num corpo humano** – aqui está a designação justa para essa alma. Uma alma assim tanto pode encontrar-se num cavaleiro romano, como num liberto, como num escravo! O que são, na realidade, um “cavaleiro romano”, um “liberto”, um “escravo”? Apenas nomes, derivados da ambição e da injustiça humanas. (os grifos são meus)⁵³

52 Cartas 31, 41, 58, 65, 66, 71, 90, 92 e 95.

53 LÚCIO ANEU SÊNECA, 2007, *op. cit.*, Carta 31, p. 119.

Deus *movimenta* o universo – passagem claramente aristotélica, como vimos. Ademais, como Platão, Sêneca recorda ao discípulo que ele deve cuidar de sua alma, pois ela é um espírito divino, tema que retorna na *Carta 41*:

É verdade, Lucílio, **dentro de nós reside um espírito divino** que observa e rege os nossos atos, bons e maus; e conforme for por nós tratado assim ele próprio nos trata. **Sem a divindade ninguém pode ser um homem de bem**; ou será que alguém pode elevar-se acima da fortuna sem auxílio divino? As decisões grandiosas e justas, é a divindade que as inspira. Em todo homem de bem. (os grifos são meus)⁵⁴

O sentido prático dos romanos leva Sêneca a justificar as suas considerações metafísicas a Lucílio. Na *Carta 65*, o filósofo aborda o tema da *causa primeira*, a *razão criadora*, isto é, a própria divindade, quando afirma que a melhor parte do filósofo *dirige suas meditações para as alturas*. É quando então, retoricamente, questiona seu discípulo:

Quem reuniu o que estava disperso e distinguiu o que estava amalgamado, quem deu rosto à matéria que jazia informe? Donde vem toda esta luz? É fogo, ou algo mais luminoso do que o fogo? Eu não hei-de investigar estas questões? Hei de ignorar donde provim, se o mundo apenas uma vez o vejo ou se nascerei mais vezes? E para onde irei depois? Qual o lugar que acolherá a minha alma liberta das leis da humana servidão? Queres proibir-me o acesso ao firmamento, por outras palavras, pretendes que eu viva com os olhos no chão?⁵⁵

54 LÚCIO ANEU SÊNECA, *op. cit.*, Carta 41, p. 141.

55 LÚCIO ANEU SÊNECA, *op. cit.*, Carta 65, p. 234-235.

Por esses motivos tão magnificamente expostos por Sêneca, a filosofia deve estudar os princípios do universo, e como o todo é permeado pela *razão eterna*.⁵⁶ Como a alma do sábio deve ser como àquela que conviria a um deus, ela, livre de tudo o que é inoportuno, deve consagrar-se à *observação do universo* sem que nada a distraia da contemplação da natureza.⁵⁷

Conclusão

Keimpe Algra (University of Utrecht) está certo: a *teologia filosófica* esteve presente na filosofia grega desde o início.⁵⁸ No entanto, é perceptível o constrangimento de boa parte dos especialistas contemporâneos na abordagem (ou na falta de) da metafísica antiga⁵⁹, o que faz com que a plena compreensão da filosofia medieval seja obstaculizada. De fato, creio que o problema seja ainda mais grave: a negação da transcendência por parte da pós-modernidade e a

56 LÚCIO ANEU SÊNECA, *op. cit.*, Carta 90, p. 449.

57 LÚCIO ANEU SÊNECA, *op. cit.*, Carta 92, p. 464. Não é à toa, portanto, que Sêneca tenha sido um autor romano muito apreciado pelos medievais. Para isso, por exemplo, ver: VERBAAL, Wim. “Bernardus Philosophus”. In: SAPIENTIA DEI – *Scientia Mundi. Bernardo de Claraval e o seu tempo*. **Revista Portuguesa de Filosofia**. Braga, v. 60, fasc. 3, p. 567-586, 2004.

58 ALGRA, Keimpe. “Teologia estóica”. In: INWOOD, Brad (org.). **Os Estoicos**. São Paulo: Odysseus Editora, 2006., p. 174.

59 Poderia citar dezenas de exemplos a esse respeito, mas bastam-me dois. Na obra *Dez provas da existência de Deus* (seleção, introdução e tradução de Plínio Junqueira Smith), São Paulo, Alameda, 2006, o organizador dos extratos selecionados afirma: “Eu, pessoalmente, não penso que é relevante saber se Deus existe para que tenhamos uma justificação para certos valores morais” (p. 29). Por sua vez, em sua “Introdução” ao *De anima* de Aristóteles, Maria Cecília Gomes dos Reis afirma que “...o processo de deturpação do pensamento de Aristóteles vem de longa data, ocorrendo em maior escala por obra e graça da filosofia escolástica, cujo maior expoente é Tomás de Aquino” (p. 19), sem, no entanto, apresentar qualquer evidência, além de declarar que se há algum papel importante para a teleologia de Aristóteles, isso “...nada tem a ver com algum tipo de princípio cósmico universal, nem tampouco envolve qualquer ideia de designio de um agente planejador” (p. 29). Ver: ARISTÓTELES. **De anima** (apres., trad. e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis). São Paulo: Editora 34, 2006.

consequente e agressiva afirmação da imanência está moldando uma nova história da filosofia que tem profundas distorções em relação à completude do pensamento do passado.

Por isso, meu objetivo neste pequeno trabalho foi “relembrar” a profunda e sólida base metafísica da filosofia antiga por parte de três pensadores emblemáticos (Platão, Aristóteles e Sêneca) que, vistos através dos olhos dos medievais – que se consideravam “modernos”⁶⁰ – foram entendidos como uma prefiguração da “verdadeira” sabedoria. Em relação a esse último ponto, é notável o respeito que os medievais tinham pelos antigos, mas sempre com a ideia de que aqueles poderiam ser ultrapassados, como já bem o demonstra uma passagem de uma famosa carta (170) do teólogo e professor Alcuíno de York (c. 735-804) a Carlos Magno (c. 742-814), com a qual encerro esta pequena digressão sobre as raízes clássicas da transcendência medieval:

Se muitos se compenstrassem a respeito de vossas intenções, se formaria na França uma nova Atenas. O que digo? Uma Atenas mais formosa que a antiga. Porque a nossa, enobrecida pelo ensino de Cristo, ultrapassaria toda a sabedoria da Academia. A antiga não tinha como mestres mais que os discípulos de Platão. E mesmo assim, formada nas sete artes liberais, não deixou de resplandecer. Mas a nossa estaria dotada pela plenitude septiforme do Espírito [Santo] e ultrapassaria toda a dignidade da sabedoria secular.⁶¹

60 A frase, muito famosa, é de Bernardo de Chartres (séc. XII): “Somos como anões nos ombros de gigantes, pois podemos ver mais coisas do que eles e mais distantes, não devido à acuidade da nossa vista ou à altura do nosso corpo, mas porque somos mantidos e elevados pela estatura de gigantes” (citado em João de Salisbury, *Metalogicon* III, 4 [ed. Webb, Oxford 1929, p. 136, 23-27]).

61 Carta 170. Citada em: FRAILE, Guillermo. **Historia de la Filosofía II.1. El cristianismo y la filosofía patrística. Primera escolástica**. Madrid: BAC, MCMLXXXVI, p. 285.

Referências

ARISTÓTELES. **Metafísica** (ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale). São Paulo: Edições Loyola, 2005. 03 volumes.

ARISTÓTELES. **De anima** (apres., trad. e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis). São Paulo: Editora 34, 2006.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco** (trad. e notas Edson Bini) Bauru, SP: EDIPRO, 2007.

GUILLAUME DE LORRIS Y JEAN DE MEUN. **El Libro de la Rosa** (introd. de Carlos Alvar; trad. de Carlos Alvar y Julián Muela). Madrid: Ediciones Siruela, 2003.

LÚCIO ANEU SÊNECA. **Cartas a Lucílio** (trad., prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

PLATÃO. **A República** (trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

PLATÃO. **Fedro** (introd., trad. e notas de José Ribeiro Ferreira). Lisboa: Edições 70, 2009.

PLATÃO. **Diálogos (Protágoras – Górgias – Fedão)** (tradução do grego de Carlos Alberto Nunes). Belém: Editora da UFPA, 2002.

PLATÃO. **Diálogos (Timeu – Crítias – O Segundo Alcibíades – Hípias Menor)** (tradução do grego de Carlos Alberto Nunes). Belém: Editora da UFPA, 2001.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes: 1998.

BITTAR, Eduardo C. B. **Curso de Filosofia Aristotélica: leitura e interpretação do pensamento aristotélico**. Barueri/SP: Manole, 2003.

FERRATER MORA, José. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 2000-2001, 04 volumes.

FRAILE, Guillermo. **Historia de la Filosofia II.1. El cristianismo y la filosofia patrística. Primera escolástica**. Madrid: BAC, MCMLXXXVI.

GILSON, Étienne. **Deus e a Filosofia**. Lisboa: Edições 70, 2003.

HONDERICH, Ted (ed.). **Enciclopedia OXFORD de Filosofia**. Madrid: Editorial Tecnos, 2008.

INWOOD, Brad (org.). **Os Estóicos**. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

MALAXECHEVERRÍA, Ignacio. **Bestiario Medieval**. Madrid: Ediciones Siruela, 1999.

SCHAMA, Simon. **O Poder da Arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SMITH, Plínio Junqueira. **Dez provas da existência de Deus** (seleção, introdução e tradução de Plínio Junqueira Smith). São Paulo: Alameda, 2006.

VERBAAL, Wim. “Bernardus Philosophus”. In: SAPIENTIA DEI – Scientia Mundi. Bernardo de Claraval e o seu tempo. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, vol. 60, fasc. 3, 2004. p. 567-586.

VOEGELIN, Eric. **Platão e Aristóteles**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **La medida del mundo. Representación del espacio en la Edad Media**. Madrid: Cátedra, 1994.